

TÍTULO: Rádios Livres, a composição de um coletivo.

AUTOR:Flora Rodrigues Gonçalves

INSTITUIÇÃO DO AUTOR: Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

AGÊNCIA DE FOMENTO DA PESQUISA: Fapemig

OBJETOS, OBJETIVOS E METODOLOGIA:

O principal objetivo deste trabalho foi etnografar a composição de uma Rádio Livre situado em Belo Horizonte, MG: a Radiola, cartografando o processo de “composição progressiva social” do que os nativos chamam de coletivo. O trabalho de coletar, sublinha Bruno Latour (2004), está no contexto do termo coletivo, que prevê uma distribuição prévia de direitos e deveres dos humanos e não humanos. Assim como nas Rádios Livres, principalmente na experiência que foi aprofundada através do trabalho de campo na Radiola, em Belo Horizonte, Minas Gerais, a composição do coletivo é uma tarefa árdua, que envolve distintos interesses que emergem para um único objetivo em comum: fazer uma rádio que não tem concessão de funcionamento do Governo ir ao ar. A metodologia foi, sobretudo, o trabalho de campo através da observação participante e da antropologia simétrica.

RESULTADOS PARCIAIS:

A Radiola começou com um total aproximado de 15 pessoas, que eram estudantes de graduação, estudantes de mestrado, funcionários e pessoas da comunidade em torno do campus da UFMG. As reuniões sempre foram longas, e as decisões a cerca de algum tema sempre foram tomadas consensualmente, a partir do que os nativos chamam de auto-gestão.

Simultaneamente ao coletivo que se formara de pessoas: estudantes, professores, engenheiros, técnicos em rádio difusão; outro coletivo, tão importante quanto, também se formara: um coletivo de não humanos extremamente necessários para o funcionamento da rádio: transmissor, antena, microfones, espaço, mesa de som, toca- discos, toca- CDs e uma infinidade de artefatos que se uniam ao outro coletivo, abrangendo um só Coletivo: o coletivo Radiola.

Como em qualquer coletivo, o interesse que o mantém unido e como esse coletivo se compõe são desafios difíceis de se realizar. Muitas pessoas, ao participarem da Radiola, enxergaram a oportunidade de fazer um programa radiofônico de determinado tipo depois que a rádio estivesse no ar, outras queriam antes discutir o próprio espaço radiofônico, ou as políticas do Ministério de Comunicação, ou ainda apenas uma inserção ou um tipo de engajamento político nas questões midiáticas. O fato é que, com distintos interesses, o coletivo abarcou diversas pessoas que passaram a se reunir regularmente com intenção de colocar uma rádio no ar. A Rádio não funciona sem os não humanos, e os não humanos não funcionam sem os humanos. Sem um transmissor o programador da rádio torna-se impotente, sem o programador o transmissor não é utilizado e seu significado torna-se débil.

CONCLUSÕES:

Etnografar a Radiola foi considerar as mesmas proposições para os humanos e não humanos, afinal, sem a associação destes não seria possível acionar e gerenciar uma rádio, e dessa forma compor o coletivo. O estudo da Radiola nos faz enxergar a importância das associações, e mais do que isso, a importância dos humanos e não-humanos na composição das mídias livres no país. O estudo das Rádios Livres também aparece como uma forma de circunscrever as relações sociais que se configuram atualmente nas sociedades complexas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

LATOUR, BRUNO. Políticas da Natureza – Como fazer ciência na democracia EDUSC, 2004.

LATOUR, BRUNO. Jamais Fomos Modernos. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

PARENTE, ANDRÉ (org.) Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas de comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004.